



A Violência Construída nas Capas dos Jornais Agora S.Paulo e Folha de S.Paulo

Rodrigo PORTARI

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP

Resumo: Este trabalho lança um olhar sobre a cobertura dos jornais *Agora São Paulo* e *Folha de São Paulo* em assuntos relacionados à violência. Inicialmente é discorrido sobre os tipos de violência (física e simbólica) para, em seguida, analisar as imagens e cores utilizadas nos jornais para ilustrar os mesmos fatos, tendo um destaque especial a tragédia do voo 3054, em 17 de julho de 2007, que resultou na morte de 200 pessoas. Ao final, faz-se uma comparação sobre a linguagem da violência nas imagens dos referidos jornais.

Palavras Chaves: Violência, Imagens, Folha de S.Paulo, Agora S.Paulo, Morte.

Os jornais *Folha de S.Paulo* e *Agora S.Paulo*, ambos de propriedade da empresa Folhas da Manhã, atingem, diariamente, uma boa parcela da população paulista e brasileira. Sendo o primeiro considerado como o de maior credibilidade no país (também ostenta o título de maior jornal brasileiro, com uma tiragem diária superior a qualquer concorrente), tem ele um público-alvo mais centrado nas classes A e B, donas da maior parte da riqueza nacional.

Para justificar seu direcionamento, o tratamento de textos e imagens em sua primeira página tende a seguir os padrões considerados como “objetivos” e “imparciais”. Essas técnicas, ditadas num manual de redação e estilo, são aplicadas para dar sensação de distanciamento entre fato e jornalista. No quesito imagem, essas mesmas preocupações são notadas, sendo possível observar uma tentativa de “distanciamento” entre objeto fotografado e o operador da máquina fotográfica.

Já seu “meio-irmão” *Agora S.Paulo*, apesar de também obedecer a critérios considerados como jornalísticos (imparcialidade, distanciamento, objetividade, etc.) se mostra mais à vontade ao publicar imagens e textos em suas capas. Uma das explicações para este fato pode estar a linha popular adotada. A linguagem imagética e textual de sua página se dá, às vezes, próximo à oralidade, usando em suas capas termos como “grana” ou “bolso”.

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Mestrando do Curso de Comunicação Midiática da UNESP, email: rdportari@terra.com.br



Por se ocuparem a informar diferentes públicos, é de se esperar uma diferenciação no tratamento da informação, seja ela verbal ou não-verbal. A comunicação das capas dos jornais, assim, reconstrói mundos com diferentes pontos de vista, tudo para agradar a seu público.

Um dos principais temas de destaque nas primeiras páginas destes jornais é a violência. Manchetes de mortes, desabamentos, tiroteios, seqüestros, estupros ou mesmo homicídios, acabam sendo pratos servidos quase que diariamente aos leitores, independente da classe social que ocupam. Porém, trabalhar a violência como objeto de estudo é uma tarefa que exige atenção. Definir o que de fato é violência e o que não é pode resultar em análises subjetivas e, assim, o objeto pode ser facilmente contestado. Afinal, enquanto o mundo ocidental considerava bárbaro os ataques ao *World Trade Center*, os seguidores de Osama Bin Laden comemoravam o sucesso de desafiar o poderio bélico e político dos Estados Unidos.

Assim, ao se tratar da violência, é preciso levar em consideração fatores variados e, principalmente, fazer um recorte adequado ao tema. Normalmente, a palavra violência já está atribuída à transgressão e rompimento de normas. Assim, uma manifestação de sem terra que bloqueiam uma rodovia ou uma troca de tiros entre policiais e traficantes, podem ser valoradas da mesma forma como atos de violência. Conforme MICHAUD (1989) podemos identificar pelo menos dois tipos de violência: uma física e outra simbólica.

A primeira é qualificada quando um ou mais agentes causam danos materiais a outra pessoa. É o caso dos assassinatos, brigas ou estupros. Essa é mais facilmente identificável por haver algo de concreto a ser mostrado e debatido. O outro, implica, por exemplo, nas disparidades da distribuição de renda ou mesmo na morte de crianças que, subnutridas, vêem o dinheiro que seria usado para seu tratamento ser desviado para as contas bancárias de políticos.

Um exemplo de violência simbólica pode ser constatado com uma imagem divulgada na capa da *Folha de S.Paulo* no dia 7 de março de 2007, onde é mostrada a fachada do Hotel Hilton, um dos mais luxuosos do planeta, tendo ao fundo uma favela (Fig.1). Enquanto o hotel é freqüentado por milionários (na ocasião, hospedava o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush), a favela concentra grande parte da população que



vive praticamente na miséria. O amontoado de barracos se torna uma paisagem de “reflexão” para aqueles que conseguem pagar diárias no hotel Hilton.



Figura 1. Folha de S.Paulo – 07.03.07

De qualquer forma, seja ela simbólica ou não, a violência chama a atenção da mídia.

O fato da violência se apresentar como uma crise em relação ao estado normal cria, por princípio, uma afinidade entre ela e a mídia. Como podemos constatar, num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou um noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada. A mídia precisa de acontecimentos e vive do sensacional. A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozidades sobre as violências comuns, banais e instaladas. (MICHAUD, 1989, p.49)

Mas, neste estudo, é necessário nos atermos a uma das divisões propostas sobre este objeto. Assim, estaremos, aqui, trabalhando a dimensão física (ou material) da violência estampada nas capas dos jornais, deixando seus valores simbólicos para estudos futuros.

A persistência de notícias sobre a violência nas capas de jornais pode ter raízes culturais. Conforme as teorias da semiótica da cultura, o medo da morte faz com que nasça a cultura. Para tentar vencer o fim da vida, o homem começa a produzir textos culturais que o eternizam e garantem sua existência mesmo depois da extinção da centelha de vida. Para Bystrina, “*Entendemos como cultura todo aquele conjunto de atividades que ultrapassa a finalidade de preservar a sobrevivência material*”.¹ (BYSTRINA, 1995, p.3) Assim, ao noticiar em primeira página fatos como mortes por bala perdida, desabamento de obras no metrô ou mesmo atentados terroristas, o jornal reforça, em seus leitores, o medo da morte.

Mais exatamente teríamos que dizer que a maioria das notícias estabelece vínculos diretos ou indiretos com a morte (com medo da morte). Se elas relatam sobre catástrofes ou crises políticas e econômicas, eminências e personalidades, pessoas vivas ou mortas, em última instância estão lidando com limites e fronteiras transpostas ou por transpor, estão refletindo as possibilidades remotas ou iminentes de um fim, seja ele definitivo ou passageiro, seja o fim de uma unidade ou de uma parte, seja ele o fim de um todo. [...] Deste modo, a consciência da morte significa, portanto, simultaneamente, tanto medo e rejeição como atração e curiosidade. (BAITELLO JUNIOR, 1999, p. 111)

Interessante notar que, apesar da morte causar pavor e representar a ausência definitiva, ela também desperta curiosidade nos consumidores de notícias. Se, por um lado, temos um público ávido por consumir a violência (mesmo que não seja a morte), por outro, temos jornais aptos a oferecer o “cardápio” do dia com imagens e textos produzidos para saciar a sede de informação sobre a morte do outro (Figuras 2 e 3).



Figura 2. *Agora S.Paulo* (7. jun. 2007)



Figura 3 *Folha de S. Paulo* (7. jun. 2007)

Ainda conforme Bystrina, há pelo menos três estruturas básicas que explicam os códigos culturais, que são a binariedade (positivo-negativo), a polaridade e a assimetria. Assim, os códigos culturais – e neles incluímos aqui as notícias de jornal – também podem ser analisados sob esse enfoque. Quando se fala em morte física (violência material), o teórico afirma que, nesse jogo, a morte carrega consigo uma carga negativa e é mais forte que a vida (positiva). Isso implicaria numa assimetria dos códigos, resultando na criação de uma segunda realidade (algo próximo à imaginação, ficção, mundo dos sonhos) para superar essa ausência total. Na vida real (primeira realidade), não há prova concreta da possibilidade de vencer a morte (salvo quando, na biologia, alguns genes conseguem se recuperar mesmo depois de serem considerados ‘mortos’, conforme ilustra Bystrina).



Como no jornal tende-se a noticiar apenas aquilo considerado como verdadeiro, o espaço para a ficção acaba sendo aberto apenas nas crônicas ou artigos de opinião. Assim, para superar essa assimetria de ter a morte mais força do que a vida, os jornais apelam para a banalização da violência. Espetacularizando as catástrofes e repetindo incessantemente seu conteúdo, espera-se acostumar o público leitor com a idéia da morte. Assim, não se chocarão, no café da manhã, ao se deparar com a cena de um caminhão totalmente destruído logo na primeira página do jornal. A banalização por repetição tem se mostrado um ótimo artifício para conseguir garantir, na capa, a presença constante da morte, figurada, muitas vezes, ao lado de notícias sobre economia, esporte, política ou ciência.

Com essa miscelânea de informações dividindo o mesmo espaço, tem-se, na verdade, um mundo recortado. São recortes de fragmentos do que aconteceu no dia anterior, responsáveis por criar um simulacro da realidade. Não se tem contato direto com a notícia. A informação consumida não é nada mais do que apenas uma representação daquilo considerado fato jornalístico. Representação escrita no enfoque do jornalista escalado para fazer a matéria, dentro de uma linha editorial executada pelo editor chefe. Não raro, a informação chega da maneira como os proprietários da empresa querem. Assim, a realidade que chega através das páginas do jornal não é nada mais do que uma recriação ocorrida num processo onde, seus bastidores e suas formas de construção ainda são desconhecidos para uma grande parte do público. O jornal torna-se uma “caixa preta”, onde não se sabe como os processos internos acontecem para se ter o produto final.

Por ser opaca, essa caixa não deixa transparecer as intenções da mídia ao divulgar determinado conteúdo conforme suas regras. Se a determinação do público-alvo já interfere diretamente na linguagem utilizada na capa, as intenções, por mais mascaradas que sejam, existem e manipulam os leitores. Agravando essa situação, temos também o poder de convencimento das imagens. Elas são críveis por si só. Enquanto o texto tem a necessidade de se ter alguém para validar informação (argumento de autoridade) a imagem dispensa essa figura, tornando-se, por si só, passível de validação sem questionamentos. Sobre as imagens, Bystrina ainda afirma ser possível atribuir valores do objeto retratado à imagem. Desta forma, pode-se fazer com que a imagem transporte valores, transferindo informações não só biofísicas, mas também culturais. Mas esses valores só são transmitidos se houver um conhecimento prévio de como a imagem é produzida. Se isso não acontece, a aceitamos



simplesmente como crível, sem discussões. Conforme Harry Pross, agregamos valores culturais à representação visual, projetando para o mundo concreto e acrescentando informações que não estão explícitas na representação, mas, de certa forma, estão agregados. Diante deste quadro, é possível dizer que, ao nos depararmos com uma imagem na capa de um jornal, trazemos uma certa expectativa em relação a ela. E isso pode interferir na leitura que fazemos da imagem apresentada. Imagens de jornal não são feitas para reflexão profunda. A necessidade do imediatismo, de se transmitir rapidamente a informação leva à produção de imagens superficiais. Muitas delas chegam prontas para serem lidas, deixando as questões mais profundas relegadas a um segundo plano.

Assim, *Agora S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* conseguem vender a seus leitores a informação da forma entendida como “ideal” conforme sua linha editorial. As fotos em suas capas, às vezes, trazem informações que nos remetem àquilo que Pross chama de experiências pré-predicativas, ou seja, valores formados ainda na infância carregados para a vida adulta. Um deles é a oposição horizontal x vertical. O homem, por andar em duas pernas, tem a vertical como uma forma de confirmar a existência de vida. A ausência de vida seria, então, a horizontal, posição de repouso e também a oposição em que os defuntos são velados e sepultados. Uma das fotos que mais nos chamou a atenção foi publicada no dia 1 de março de 2007. Tanto *Folha* como *Agora* veicularam na capa a notícia de uma estudante baleada durante troca de tiro entre policiais e traficantes. As imagens divulgadas nos jornais foram as seguintes (Figuras 4 e 5):



Figura 4 (Agora S.Paulo 1.03.07)



Figura 5 (Folha S.Paulo 1.03.07)



Nas imagens, a jovem Priscila, de 13 anos (conforme nos informa os textos dos jornais) está caída no chão, de barriga para baixo e, aparentemente, inerte. A fotografia selecionada pelo Agora S.Paulo chega a extrapolar o limite do recorte da imagem, com a mão da jovem alcançando o texto da manchete. Na Folha, apesar da imagem estar em outra perspectiva, isso não acontece. Numa primeira leitura da Figura 4 é possível entender que a jovem baleada está morta. Além de estar na horizontal, seus pés estão numa posição desconfortável. Das pessoas que estão à sua volta, apenas uma tem identidade e parece querer verificar se há sinais vitais na vítima. As demais, apenas estão em pé e observam a cena, fotografa num ângulo que parte do lado de cima para baixo. Os braços abertos se assemelham à forma de Cristo Crucificado, enquanto que a faixa amarela pintada no chão e o corpo da jovem formam uma cruz. O vermelho, cor do sangue (este possível de ser notado na altura da barriga da garota), também é lembrado na manchete principal, ao servir como fundo para a palavra “Priscila”. Todas estas informações são captadas rapidamente pelo olhar dos leitores, que circula a imagem em busca de uma narrativa que resuma aquilo que está diante de seus olhos. Os textos verbais acentuam ainda mais a condição de morte, utilizando verbos no passado (“esperava”, “baleada”). Mesmo sua morte sendo praticamente antecipada pelo jornal, não foi o que aconteceu. Ferida gravemente, Priscila se salvou apesar de ter ficado paraplégica.

Já a Figura 5, utilizada pela Folha de S.Paulo traz também informações que, num primeiro momento, anunciariam a morte da garota. Ambas imagens são creditadas a “Duilio Ferronato/Folha Imagem”. Porém, olhando mais atentamente para a imagem, é possível estabelecer algumas relações diretas com a sobrevivência da vítima. Nesta figura, o fotógrafo se colocou num ângulo de visão que se aproxima da visão natural de um homem em pé ou mesmo sentado no chão. Priscila continua caída, o sangue do ferimento ainda é visível. Mas é possível observar um leve movimento de sua mão esquerda, indicando estar ela consciente ou, pelo menos, tentando se salvar. O policial se debruça sobre a garota ainda com a arma em punho e parece tentar observar os sinais de vida da garota. A cruz formada entre o corpo da jovem e a faixa amarela no chão, praticamente inexistente nesta imagem. Para completar, tanto a legenda (ausente no Agora) como a manchete da matéria dá conta de que a jovem não chegou a perder a vida. A manchete diz:



“Tiroteio em assalto a banco na Ibirapuera deixa 4 feridos”, enquanto que a legenda reforça: “Priscila Aprígio, 13, baleada no abdome durante troca de tiros em assalto a banco na avenida Ibirapuera, é socorrida por policial”. Assim, neste caso, podemos observar ter sido o Agora S.Paulo mais trágico do que a Folha, levando a uma primeira leitura onde a vida da garota teria sido ceifada, adequando a notícia à sua linha editorial de caráter mais sensacionalista. As duas publicações trazem a mesma notícia em sua capa. Porém, no Agora, a notícia ganha um generoso espaço de meia página, enquanto seu “meio-irmão” dedica pouco mais de um oitavo para o mesmo assunto. A presença desta imagem vem para trazer à tona um dos grandes temores do ser humano: a morte. Felizmente, nesta notícia, ela não ocorreu. Mas a sua proximidade já desperta instintos primitivos nos leitores. E, para contornar essa situação, acaba-se apelando para a banalização da violência, com sua repetição incessante e diária nas capas. Quanto mais exposição a notícias como esta, mais a primeira realidade vai ficando distante, criando-se um mundo paralelo onde acredita-se que “isso jamais vai acontecer comigo”.

Ainda sobre as figuras 4 e 5, podemos notar uma neutralização sobre o impacto destas imagens sobre os leitores. Na primeira figura, logo abaixo a chamada sobre o fato, o jornal traz estampado notícias sobre televisão (“Bruna decide se separar de Alberto no Big Brother”) e futebol (“Tricolor dá show e enfia 4 no Alianza”). Já a Figura 5 traz como manchete principal a editoria de política (“PIB de Lula empata com o de FHC”) e logo abaixo da notícia estudada, tem-se uma imagem de doces (“Tapas, os tira-gostos espanhóis, ganham espaço em SP”) que, curiosamente, está numa tonalidade próxima à da cor da pele de Priscila e do policial que a socorre. Ao dividir o espaço da notícia com amenidades, tem-se uma redução do impacto causado pela notícia principal. Todo o pavor do medo da morte é automaticamente esquecido para se deliciar com amenidades, seja da televisão ou da culinária. A morte fica mais branda desta forma, tornando sua tolerância mais fácil.

Fatos negativos como mortes ou tragédias têm, tradicionalmente, muita repercussão na mídia. Quanto mais se rompe com a normalidade e mais se têm pessoas em situações de morte, mais espaço a notícia vai ganhando. Em casos de tragédias, a situação é ainda mais dramática. Quando há acidentes de grandes proporções, como acidente com o avião da empresa TAM ocorrido em julho de 2007, toda a mídia parece dar a notícia na expectativa de que surja um herói para resolver o problema. Esse salvador da pátria, muitas vezes, é



representado pela figura dos bombeiros, responsáveis por desafiar as mais diferentes tipos de situações adversas a fim de resgatar sobreviventes. Van Dijk (1990) aponta uma certa predileção por fatos negativos no discurso jornalístico como uma forma de autodefesa dos receptores, contentando-se em ver os infortúnios dos outros para poder sentir-se melhor e, assim, negar, de certa forma, ser também passível de sofrer desgraças iguais ou mesmo maiores do que aquela lida.

Es decir, generalmente, gran parte del discurso periodístico trata de sucesos negativos, como problemas, escándalos, conflictos, crímenes, guerras o desastres. ¿Por qué? Aunque intuitivamente el hecho de que la gente esté interesada en estas noticias parece ser un fenómeno muy difundido, si no universal, ello no explica la razón. [...] Psicoanalíticamente, estas diferentes formas de negatividad en las noticias pueden contemplarse como expresiones de nuestros propios temores, y el hecho de que las sufran otros proporciona tanto alivio como tensión a causa de esa especie de participación delegada em los demás. Los modelos de estos sucesos negativos, pues, están directamente relacionados con el sistema emocional de autodefensa (...). (Van Dijk, 1990, p.178)

Valendo-se desta informação e sempre lembrando ser a morte elemento fundamental e presente no desenvolvimento da cultura humana, podemos lançar um olhar sobre a forma como a notícia do acidente com o avião da TAM, citado anteriormente, foi produzida pelos jornais Agora S.Paulo e Folha de S.Paulo. A aeronave colidiu com um prédio da própria empresa no dia 17 de julho de 2007 por volta das 18h50, após não conseguir sucesso numa aterrissagem no aeroporto internacional de Congonhas, em São Paulo (SP). Cerca de 200 pessoas entre passageiros, tripulantes, transeuntes da avenida Washington Luís e funcionários da empresa que estavam no prédio atingido, morreram. Até então, este foi o maior acidente da história da aviação brasileira. Cerca de 10 meses antes, um outro acidente envolvendo um avião da empresa Gol e um jato norte-americano havia resultado na morte de 154 pessoas. Desde então, uma crise aérea se estabeleceu no país, com governo e controladores de vôo medindo forças, tendo como principais prejudicados os usuários da aviação comercial. Dentro de todo este contexto, as capas dos dois jornais da capital paulista noticiaram o fato assim:



Figura 6 (Agora S.Paulo, 18.jul.07)



Figura 7 (Folha de S.Paulo, 18.jul.07)

Como já era de se esperar, a notícia ganhou praticamente toda a capa das duas publicações, perdendo apenas um pequeno espaço para uma notícia dos jogos Pan-Americanos realizados no Rio de Janeiro. As imagens ocupam mais da metade da página dos jornais. Muito mais do que representar o choque dos brasileiros ao ver a cena, o tamanho das imagens – incomuns em dias normais – passam também uma noção do impacto da colisão entre o avião e o prédio. As chamas ocupam praticamente toda a imagem, mas a figura do herói, aquele em quem nós apostamos para resolver o problema, também está presente: na fotografia usada pelo *Agora*, um bombeiro, solitário, luta contra o fogo. Já na *Folha*, uma equipe com quatro bombeiros também tenta conter as chamas. A desproporção entre o tamanho dos bombeiros, a cauda do avião e as chamas que consomem o local já dá uma mostra da fragilidade do homem contra a “revolta” de suas próprias criações.

Seguindo a linha mais popular, o *Agora* traz sua manchete principal ocupando parte da fotografia, com a palavra “*Horror!*”. O ponto de exclamação deixa de lado toda referencialidade jornalística para fazer uso da emoção, exprimindo, em sua manchete, o que seria o sentimento de seus leitores, trazendo a manchete mais para o tom da oralidade do



que para a linguagem de jornal. Os caracteres da página, em vermelho, reforçam o tom da tragédia, podendo se remeter tanto à violência (cor do sangue) como também, diretamente, às cores usadas pela empresa em sua logomarca (vermelho e branco). Para reforçar o tom de luto pela tragédia, o *box* de fundo da legenda está em preto, com caracteres escrito em branco. Para a cultura ocidental, o preto é a cor do luto e, assim, indiretamente, o jornal, através de seus elementos gráficos, demonstra seu pesar pelas mortes. Valendo-se das cores, o jornal antecipa ao leitor o mesmo sentimento compartilhado pela nação, o de luto. Como ensina GUIMARÃES, as cores antecipam até mesmo a notícia, sendo percebidas antes que qualquer outro elemento disposto na página.

Na Folha de S.Paulo tem-se praticamente o mesmo processo de construção da violência nessa imagem. Mas este jornal é mais comedido no uso de cores, deixando usar o vermelho e o branco apenas em um infográfico localizado logo abaixo do texto da chamada, explicando como teria sido o acidente, embasado em relatos de testemunhas. Mesmo tendo linhas editoriais diferentes, neste caso, os dois jornais paulistanos deram um tratamento semelhante à notícia, inclusive, usando a narração em suas manchetes: “Airbus da TAM atravessa avenida em Congonhas, bate em prédio e explode com 176 pessoas a bordo” (Agora) e “Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas”. Nota-se, na *Folha*, a necessidade de noticiar com rapidez o número de pessoas a bordo, enquanto no outro jornal essa informação fica em um segundo período, após a identificação do local onde o acidente ocorreu.

E quanto maior for a proporção das perdas alheias, mais espaço a mídia vai dedicar, ao longo dos dias, para falar do assunto. O espetáculo das tragédias é um ópio para a mídia entorpecer seus leitores, deixando de lado assuntos que atingem, às vezes, milhares de pessoas, como mudanças no panorama econômico, inflação e corrupção do governo.

Prova disso está nas edições subsequentes à data da tragédia. Nos dias 19 e 20 de julho, o tema principal das capas continua sendo a tragédia e a busca incessante pelos responsáveis pelas mortes, como podemos notar nas figuras 8, 9, 10 e 11.



Figura 8 (Agora S.Paulo, 19.jul.07)



Figura 9 (Folha S.Paulo, 19 jul.07)



Figura 10 (Agora S.Paulo, 20.jul.07)



Figura 11 (Folha S.Paulo, 20.jul.07)

Nas figuras acima, mais uma vez, é possível perceber um certo alinhamento no padrão de escolha de cores para tratar da tragédia da TAM. Na data de 19 de julho, tanto Agora S.Paulo e Folha de S.Paulo utilizam a cor preta em *boxes* relacionados à notícia do



acidente. Mais uma vez a intenção é passar o luto da nação através de pequenos detalhes, reforçando a presença da morte. Já no dia seguinte, o luto “desaparece” da linguagem de cores das capas e a tentativa de buscar a causa do acidente é estampada, em letras garrafais, em ambas as capas, levantando a suspeita da falha do sistema de frenagem ter sido responsável por ceifar a vida dos passageiros da empresa TAM.

Interessante notar também que o *Agora* S.Paulo, nas edições seguintes à tragédia, continua trabalhando com a violência física em suas capas. Na edição de 19 de julho, traz um infográfico mostrando como teria sido o pouso do avião e, embaixo, uma imagem de parentes das vítimas em total desespero ao ouvir o anúncio dos nomes dos ocupantes da aeronave. No dia 20 de julho, a foto de maior destaque em sua página é o destroço de um carro que estava estacionado no prédio onde houve a colisão. Mais uma vez o aspecto físico da violência é notado em sua edição, remontando aos leitores, o tempo todo, a amplitude do impacto da aeronave contra o prédio.

Já a *Folha* de S.Paulo trabalha num nível mais simbólico. A edição do dia 19 traz a imagem de um bombeiro carregando bagagens dos passageiros do fatídico vôo. Tendo como pano de fundo os destroços do prédio e outros bombeiros trabalhando. O tom melancólico da imagem, onde há poucas tonalidades de cores (cinza, preto e o amarelo predominam na cena) é totalmente rompida por uma mala cor de rosa. Já era de conhecimento dos leitores deste jornal a presença de crianças, adolescentes e mulheres entre os passageiros da TAM. A bagagem cor de rosa resistiu às chamas e, ao se deparar com esta fotografia, o leitor automaticamente a associa a mulheres. Na cultura ocidental, o rosa é considerado como cor feminina. Assim, em meio ao cenário de destruição total, a inocência de uma criança que voava naquele fatídico 17 de julho é retomada através de uma mala que quebra totalmente as cores opacas da cena. A violência, assim, passa de física para simbólica, mas sempre deixando em evidência a morte.

Em sua edição do dia 20, mais uma vez a *Folha* traz uma informação mais simbólica sobre o fato. Passageiros de um ônibus de transporte coletivo são flagrados contemplando a cena da tragédia. Todos – com exceção de uma passageira - assistem ao trabalho dos bombeiros. O fogo e o prédio desabado passam a ser puro entretenimento para a população e o coletivo, mesmo lotado, passa a ser mais seguro no chão que o avião.



Podemos, assim, perceber que a violência é tema atrativo para a mídia impressa. Mesmo tendo linhas editoriais diferentes, cada um dos jornais, a seu modo, trabalha com o medo da morte junto a seus leitores. A morte, grande “adversária” da vida, ajuda a vender jornais, mesmo estando presente simbolicamente. Assim, enquanto o leitor tranquilamente absorve essas informações em sua casa ou mesmo escritório, tem-se a sensação de segurança constante. Enquanto dentro das paredes nada ruim pode acontecer, lá fora, onde o mundo se desenrola, a morte pode vir ao encontro de qualquer pessoa, esteja ela num avião ou simplesmente em um ponto à espera do ônibus. E tanto a *Folha* como o *Agora* contribuem severamente para com este fato, mostrando em suas páginas imagens, textos e cores para reforçar os riscos que existem além dos limites dos muros das casas de seus leitores.

¹ Bystrina aponta que o homem é um ser frágil e sensível, mantendo essas características mesmo nas sociedades civilizadas. Desta forma, os textos culturais são produzidos por um ser que quer vencer a morte. O autor aponta ainda que estes textos podem ser imaginativos ou criativos, necessários não apenas para a sobrevivência material, mas também para sua sobrevivência psíquica.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Helena A.G (2005). **Mídia Impressa e leitor: leitura crítica e polissêmica:** dissertação de mestrado apresentada na UNESP de Bauru:2005.

BAHIA, Juarez (1990). **Jornal, História e Técnica:** As técnicas do jornalismo. Vol 2. São Paulo: Ática, 1990.

BAITELLO JUNIOR, Norval (1999). **O animal que parou os relógios:** ensaios sobre comunicação, cultura e mídia (2ª ed). São Paulo: AnnaBlume; 1999.

BAUDRILLARD, Jean (1990). **A Transparência do Mal:** ensaios sobre os fenômenos extremos [Trad Estela dos Santos Abreu]. Campinas-SP: Papirus, 1990.

BAUDRILLARD, Jean (1991). **Simulacros e Simulações** [Trad. Maria João da Costa Pereira]. São Paulo: Relógio D'Água, 1991.

BYSTRINA, Ivan (1995). **Tópicos da Semiótica da Cultura.** (Pré-print). São Paulo: CISC, 1995.

FLUSSER, Vilém (2002). **A Filosofia da Caixa Preta:** Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.



GUIMARÃES, Luciano (2004). **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural das cores. São Paulo: Annablume, 2004.

GUIMARÃES, Luciano (2002). **As Cores na Mídia**: estudo da organização da cor-informação no jornalismo impresso e eletrônico. São Paulo: Annablume, 2002.

MICHAUD, Yves (1989). **A violência**. São Paulo, Editora Ática: 1989

PROSS, Harry (1989). **La Violencia de Los Simbolos Sociales**. Barcelona Anthroposo, 1989.

ROMANO, Vicente (1993). **Desarrollo y progreso**: por una ecología de la comunicación. Barcelona: Teide, 1993.

VAN DIJK, Teun A (1990). **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós Ibérica: 1990.
